



Cesar Troncoso e Denise Fraga em cena do longa-metragem, o mais pessoal da carreira da diretora

Um passado que não quer calar

44º

Festival de Brasília do Cinema Brasileiro



Vencedora do Candango de melhor direção em 1996, a paulistana Tata Amaral retorna à mostra competitiva com Hoje, um drama intimista sobre as sequelas da ditadura militar

» TIAGO FARIA

Quinze anos passaram desde que Tata Amaral exibiu um filme na competição do Festival de Brasília. Mas as memórias daquela noite de sábado são do tipo que não desaparecem facilmente. Primeiro porque *Um céu de estrelas*, de 1996, era o longa-metragem de estreia da paulistana. E segundo porque a sessão no Cine Brasília — dividida com a comédia romântica *Pequeno dicionário amoroso*, de Sandra Werneck — provocou reações intensas na plateia (para o bem e para o mal). “Metade aplaudiu, metade vaiou”, conta a diretora. “Mas lembro que alguém aí de Brasília veio me dizer que aquele era um ‘filme do dia seguinte’, que vai batendo aos poucos. Foi uma sessão emocionante.”

Assimilado o choque, Brasília soube admirar o impacto de *Um céu de estrelas* — um drama violento, confinado numa casa na Mooca, periferia de São Paulo — e reservou a Tata o Candango de melhor direção, o segundo da carreira (o anterior veio pelo curta *Viver a vida*, de 1991). O roteiro, adaptado de um romance de Fernando Bonassi, também agradeceu ao júri e saiu premiado. Para quem acompanhou aquela edição do festival, o filme novo da cineasta deve instigar algumas comparações inevitáveis: também inspirado em um livro de Bonassi (*Prova contrária*), *Hoje* é encenado entre as paredes de um apartamento. E os personagens principais são uma mulher e um homem: Vera e Luiz.

Outros caminhos

As semelhanças entre os filmes não param aí — uma das cenas, em que Vera oferece um café a Luiz, acena diretamente ao longa de 1996. São as divergências entre os projetos, no entanto, que descortinam uma experiência incomum para Tata, 51 anos. “Durante as filmagens, me senti caminhando para um outro lugar. Esse filme é completamente diferente de tudo o que fiz”, resume. Se *Um céu de estrelas* usava uma lente trêmula para narrar a relação trágica entre uma cabeleireira e um metalúrgico, *Hoje* cria fissuras no tom realista que

Ding Musa/Divulgação



Tata Amaral: “É um filme que se propõe a discutir a verdade”

transbordava naquele e nos outros longos da cineasta (*Através da janela*, de 2000, e *Antônia*, de 2006). “O filme vai esgarçando os limites do realismo, só que de uma forma sutil, que acontece devagarinho”, explica.

Cautelosa, Tata seleciona as palavras que não revelam as surpresas de *Hoje*, que terá a primeira exibição mundial logo mais à noite, na mostra competitiva do festival. Vera, interpretada por Denise Fraga, é uma ex-militante política. Quando o governo reconhece a morte do marido, vítima da repressão militar durante a ditadura, ela recebe indenização e compra um apartamento. Mas, no dia da mudança, duas décadas depois de ter perdido o companheiro, recebe a visita inesperada de um homem (Cesar Troncoso, de *O banheiro do papa*), que a obriga a rever uma trajetória inteira de luta. “É um filme que se propõe a discutir a verdade. É sobre a importância de enfrentar os fatos do passado”, sintetiza Tata.

A simples decisão de refletir sobre um grande tema — as sequelas do regime militar — é uma novidade na

trajetória da diretora. “Fui meio abalroadada por esse livro. A história me arrebatou. Apesar de não ter vivido nada disso, tornei a trama muito pessoal. É o filme mais pessoal da minha vida”, observa. O curta-metragem *O rei do Carimã* (um projeto para o DocTV, dirigido em 2009) já indicava o desejo da cineasta de documentar e revirar fatos íntimos. Em primeira pessoa, ela investigava o passado do pai, acusado injustamente de estelionato. “É curativo ir ao passado”, afirma. As revelações de *Hoje* apontam para a vida de Tata com uma propriedade que, segundo ela, não existia nos longos anteriores.

Cumplicidade

“É um filme intenso. É muito amoroso, mas também muito dolorido. Ele mostra uma mulher às voltas com um passado que ela quis esquecer durante parte da vida”, continua. A cumplicidade com Denise e Cesar permitiram uma filmagem tranquila, sem turbulências — processo que durou três semanas e meia, em um apartamento na Avenida São Luiz, na capital paulista. “Todo mundo foi muito solidário, estavam todos focados no filme. Em nenhum momento deu vontade de jogar ninguém do 16º andar”, brinca.

Com a equipe de produção, nem foi preciso criar intimidade. Não é de hoje que o roteirista Jean-Claude Bernardet, o diretor de fotografia Jacob Solitrenick e a montadora Idê Lacerda colaboram com a cineasta. “É a mesma equipe, por isso acabamos voltando a alguns elementos de *Um céu de estrelas*”, comenta. Apesar da familiaridade, Tata abriu um novo caminho criativo ao usar projeções do grupo paulistano BijaRi, que cria camadas visuais nas paredes do apartamento da protagonista. “O filme lida muito com a memória. E a memória não tem linearidade. As projeções mostram o que está no coração da Vera”, descreve Tata. São tensões como essas — entre passado e presente, ilusão e realidade, um cinema familiar e outro desconhecido — que fazem de *Hoje* um novo capítulo para a cineasta. “O filme é uma aventura, fico emocionada de falar”, revela. Um dia incomum, portanto.

Um ato político

Um céu de estrelas passou no Festival de Roterdã. *Antônia*, em Toronto. Tata Amaral escolheu Brasília para lançar *Hoje* por dois motivos: pensava em valorizar uma mostra cuja premiação, agora mais robusta, permite que se invista na distribuição do filmes nos cinemas (em caso de vitória, o prêmio é de R\$ 250 mil); e também em aproximar a sessão do poder político brasileiro. “O tema do filme tem muito a ver com a Comissão da Verdade”, ela aponta. O projeto de analisar casos de violação de direitos humanos no período da ditadura militar foi aprovado no Congresso na noite de quinta-feira (21), e ainda precisa ser analisado pelo Senado Federal. “A comissão é muito importante para o Brasil. É necessário trazer essa discussão para os dias de hoje. Por que a gente quer esquecer esse passado? Por que, ao contrário da Argentina e do Chile, a gente não identifica nem pune os torturadores?”, questiona.

44º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

Até 3 de outubro. Mostra competitiva de curtas e longas às 20h30, no Cine Brasília (106/107 Sul), com ingressos a R\$ 6 e R\$ 3 (meia). Exibição simultânea no Teatro de Sobradinho, no Cinemark Taguatinga Shopping e no Teatro Newton Rossi (Ceilândia), com ingressos a R\$ 4 e R\$ 2 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos.

www.correio braziliense.com.br

Acesse o hot site do 44º Festival de Brasília, veja galeria de fotos e responda à enquete: “Você é a favor ou contra o indetismo no festival?”

CURTAS DA NOITE

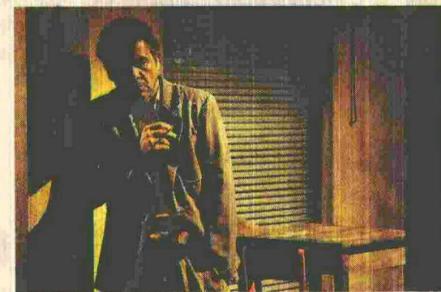


QUINDINS

De David Musset e Glutiana Danza (MG, 9min, animação) Inspirado em conto de Luis Fernando Verissimo, flagra um momento quase surreal na vida de dois idosos, Doutor Ariosto e Dona Quileia. Consumidora compulsiva de quindins, ela decide fazer uma promessa a Santo Antônio: vai deixar de comer o doce na esperança de que o marido se recupere de uma enfermidade grave. Isso até a noite em que Ariosto revela à esposa um segredo que os levará de volta à juventude. O filme, que combina diferentes técnicas de animação e não tem diálogos, foi exibido no Anima Mundi e pode ser visto no YouTube.

A MALA

De Fabiannie Bergh (PA, 1min, animação) Cansado de esperar o ônibus que faz a linha Sacramenta-Nazaré, numa madrugada em Belém, o bêbado Timóteo encontra uma maneira mais fácil de ir para casa. Essa trama cômica é narrada com uma técnica de animação incomum: para produzir o curta, a equipe armou bonecos de papel presos a estruturas de arame. A sensação de movimento dos personagens se dá graças à fusão dos fotografias, que capturam cada detalhe das cenas. Os efeitos sonoros divertidos dão um toque bem-humorado ao filme, que foi exibido no Anima Mundi deste ano.



PREMONIÇÃO

De Pedro Abib (BA, 15min) Sexto filme de Abib, o curta percorre os redutos boêmios de Salvador na década de 1950, e tenta recriar o espírito do antigo bairro do Pelourinho. Na trama, em tom de thriller, o dono de um botequim tenta investigar as intenções de um freguês suspeito, que leva um revólver sob a camisa. Uma premonição, que instiga a imaginação do proprietário, indica aqueles que serão atacados pelo cliente: dois capoeiristas, um jogador de futebol e um vereador. A atmosfera do bar, então, é tomada por uma sensação de paranoia, angústia e medo. No elenco, Antônio Pitanga e Agnaldo Lopes (foto).

DE LÁ PRA CÁ

De Frederico Pinto (RS, 15min) Numa noite dominada por filmes de ficção, o curta segue o script com a história de um segurança noturno, Ciro, e de uma empregada doméstica, Clarisse. Os dois são casados e trabalham em Porto Alegre. Passam o dia andando de lá pra cá, e se encontram diariamente apenas por poucos minutos, sempre na estação de trem. Para ficar mais tempo juntos, eles tentam criar pequenos rituais nesse lugar de passagem, unidos por um vínculo frágil. Frederico Pinto dirigiu seis curtas, e dirige o primeiro longa-metragem, *As aventuras do avião vermelho*.